EQUIPE MULTIDIJCIPLINAR



CURRÍCULO, MÍDIA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: DESNATURALIZAR REPRESENTAÇÕES NATURALIZADAS



TEXTO BASE

EQUIPE MULTIDISCIPLINAR 2018

CURRÍCULO, MÍDIA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: DESNATURALIZAR REPRESENTAÇÕES NATURALIZADAS

o longo da trajetória institucional da Equipe Multidisciplinar, o farol para torná-la uma política pública educacional foi cumprir a legislação nacional que versa sobre a obrigatoriedade da presença de saberes históricos/culturais/sociais e tradicionais advindos de grupos que contribuíram significativamente com o alicerce cultural, econômico e político da sociedade brasileira, sem no entanto, serem devidamente reconhecidos.

No que tange aos grupos étnicos africanos, migrados forçadamente para produzir riquezas, das quais foram sempre alijados, a legislação nacional e outros dispositivos legais visam garantir condições de equidade e acesso aos bens materiais e simbólicos.

Em se tratando dos povos indígenas, o direito de serem igualmente reconhecidos e valorizados como protagonistas da história brasileira.

Nesse sentido, a Equipe Multidisciplinar foi se configurando, nos meandros institucionais, como uma política pública educacional, desde 2010, e se fortaleceu em 2014 com a publicização de materiais produzidos e disponibilizados, anualmente, na página oficial da Secretaria de Estado da Educação.

Os temas centrais trabalhados pelos integrantes da Equipe Multidisciplinar, nesse período, trazem como premissa a educação das relações étnico-raciais e o ensino da história e cultura afro-brasileira, africana e indígena e a devida inserção destes, no currículo escolar. Entendendo este, como um documento que engloba as experiências pedagógicas, as relações

sociais e que contribui significativamente com a construção e afirmação identitária dos estudantes negros e indígenas, especialmente.

É de 2014 a primeira "semente" publicizada no âmbito institucional. Tendo como tema central "Diálogo dos textos legais e históricos nos contextos da realidade da escola" objetivou evidenciar a necessidade de cumprir os dispositivos legais e normativos, no ambiente escolar.



Para dar continuidade à proposta, em 2015, ampliou-se o tema para "Diálogos e reflexões para práticas pedagógicas efetivas na educação das relações étnico-raciais". O objetivo agora era propor e desenvolver atividades pedagógicas que articulassem as questões étnico-raciais com o processo de ensino-aprendizagem, de maneira a não dissociar a temática alusiva a história e cultura afro-brasileira, africana e indígena dos conteúdos disciplinares. A proposta pautou também a discussão acerca dos fatores que impactam negativamente o acesso, a permanência e o sucesso escolar da população negra e indígena.

Em 2016, o tema proposto foi "Currículo: reconhecimento e valorização étnico-racial" e pretendia traduzir em práticas pedagógicas a visibilidade, o reconhecimento e a valorização dos saberes da população negra e dos povos indígenas e a contribuição destes, na formação da sociedade brasileira.

Em 2017, olhando para as proposições/elaborações teórico/ pedagógicas e encaminhamentos metodológicos feitos nos anos anteriores, as coordenadoras e as equipes pedagógicas da CERDE e da CECIC perceberam a necessidade de trazer para a reflexão dos integrantes das E.M. "A beleza, a riqueza e a resistência dos povos africanos, afrobrasileiros e indígenas". O objetivo era desmitificar os equívocos sobre os povos africanos, afro-brasileiros e indígenas e positivar, estrategicamente, suas produções culturais, artísticas, modo de vida, organização social, moradias, dentre outras.

Não obstante, em determinadas situações do cotidiano escolar percebe-se ainda, que as práticas pedagógicas têm como foco a reprodução simbólica do "escravismo criminoso" e a representação dos povos indígenas como sendo atrasados e sem cultura, que andam nus, vivem de

caça e pesca, são pobres e aculturados. Representações

essas que vão em sentido contrário à ideia de positivar a presença e as resistências desses povos, e acabam por sinalizar a necessidade de continuar com propostas de superação do racismo e do preconceito, tendo em vista que tais manifestações se dão, ora de maneira explícita, ora camufladas e disfarçadas, sendo porém os efeitos, adversos e severos para quem os sente.

No que tange a reprodução simbólica do "escravismo criminoso", com a utilização de senzalas, chicotes, correntes e outras, não advoga-se aqui pelo ocultamento do ensino sobre o passado escravista no Brasil, mas na defesa de uma postura didático-pedagógica que realça e corrobora com a compreensão de que onde houve exploração de população negra e indígena, houve, concomitantemente e na mesma medida, distintas estratégias de resistência,

A historiografia tradicional inseriu, nos materiais didáticos, a presença da população negra e indígena referindo-se somente à época da escravidão, e da abolição. Referências essas que perduraram por décadas no ensino brasileiro. Aos termos "negro" e "escravo", por muito tempo, foram atribuídos significados intercambiáveis sempre fazendo alusão a grupos desprovidos de liberdade, e que mesmo submetidos à crueldade de um sistema desumano, produziam todas as riquezas no país. Ao utilizar somente as lentes colonialistas para tratar das questões escravistas, a escola ignora e anula o panorama de resistências, de fugas, lutas armadas e sublevações da população negra e indígena.

EQUIPE MULTIDISCIPLINAR - 2018 . TEXTO BASE

Dessa forma, destaca-se o esforço e o engajamento de muitos profissionais da educação na produção de um arcabouço teórico/ metodológico e pedagógico renovado, que posiciona as populações negra e indígena como sujeitos históricos, coletiva ou individualmente.

Assim, as proposições de temática para a formação continuada dos integrantes da E.M, ao longo desses anos, tiveram como mote suscitar reflexões e propor ações pedagógicas que, para além do legado de desigualdades e injustiças raciais/sociais, pudessem vislumbrar as dimensões econômicas, culturais e políticas, pela ótica do papel protagônico dos

negros e indígenas.

Concomitante à tarefa de subsidiar o trabalho docente, as práticas pedagógicas sugeridas a partir do desdobramento dos temas centrais visavam e visam aguçar a percepção dos educadores para dimensões raramente visibilizadas, tendo em vista que, o pensamento hegemônico tem como parâmetro e modelo de riqueza, beleza e de desenvolvimento, aqueles

EQUIPE MULTIDISCIPLINAR - 2018 . TEXTO BASE

advindos do continente europeu. Para povos de outros pertencimentos identitários e geográficos, – negros e indígenas - foram inventadas estratégias discursivas, que os rotulam como subalternos, inferiores, destituídos dos cânones de beleza e referenciais de riqueza que desprezam, de maneira ferrenha, suas manifestações artístico-culturais e religiosas.

Em síntese, de 2014 a 2017, o intuito foi evidenciar outras possibilidades teóricas, que costuradas às práticas didático-pedagógicas pudessem contribuir para ampliar e aprofundar conhecimentos advindos de matrizes culturais não hegemônicas e abranger, de maneira ampla, a diversidade, o modo de vida, a organização social e demais contribuições dos povos negros e indígenas na construção da sociedade brasileira.

Assim, para além das violências sociais, exclusões e perseguições sistemáticas, as linhas da resistência foram/são traços fortes que representam muralhas humanas em defesa da existência, e vão produzindo "mil modos de instaurar uma confiabilidade nas situações sofridas, isto é, de abrir ali uma possibilidade de vivê-las reintroduzindo dentro delas a mobilidade plural de interesses e prazeres, uma arte de manipular e comprazer-se" (CERTEAU, 2001, p. 51).

Nessa perspectiva, visando o fortalecimento da E.M. como política pública educacional, foram realizadas adequações normativas e pedagógicas que contemplam requisitos para a implementação efetiva da Educação das Relações Étnico-Raciais e do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena, quais sejam: estudo, planejamento, execução e avaliação, com vistas a contestar e eliminar racismos e preconceitos e promover a autoestima dos estudantes negros e indígenas.

Assim, a formação continuada da E.M. compreende a leitura e análise de textos teóricos, elaboração de propostas pedagógicas específicas para que se estabeleçam, no ambiente escolar, relações étnico-raciais menos

> assimétricas e injustas e atividades que possibilitam reflexões referentes ao material disponibilizado no

Ambiente Virtual de Aprendizagem, que sempre tem como objetivo a superação das distintas formas de racismo, discriminação e preconceito, marcas perversas do lastro histórico das desigualdades sócio/raciais na sociedade brasileira.

É importante destacar o papel de cada um dos participantes da E.M. O professor que decide integrar essa instância escolar tem um

compromisso para além do cumprimento da legislação vigente, já que toma para si a responsabilidade de contribuir para uma educação antirracista e preconceituosa e afirmar que as diferenças étnicas/raciais/culturais não são sinônimos de inferioridade ou superioridade, são antes o que nos constituem enquanto seres humanos e sociais. Sendo assim cada participante assume a função de repassar aos seus pares, respectivos segmentos e demais profissionais com os quais se relaciona, profissional ou pessoalmente, os conhecimentos adquiridos e produzidos durante os encontros presenciais ou a distância.

As temáticas elaboradas para organizar e subsidiar o trabalho pedagógico das Equipes Multidisciplinares não se afastam de problemáticas estruturais, derivadas das diferentes manifestações do racismo e seus corolários, pois, ainda que pareça que os temas definidos aludem a uma mesmidade teórica/pedagógica, ou pareçam enfadonhos e saturados, análises, não pormenorizadas, permitem afirmar a necessidade de reforçar e ampliar o subsídio teórico concernente a Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena.

Para 2018, busca-se a conexão didático-pedagógica com as questões que, de uma forma ou de outra, fazem parte do cotidiano. Trata-se de compreender as manifestações de racismo, preconceito e discriminação e interpretar as apresentações e representações sobre a população negra e indígena que veiculam na mídia impressa e/ou digital.

Assim, na esteira do contemporâneo, a proposição da E.M. para 2018, apresenta-se com o tema: "Currículo, Mídia e Relações Étnico-Raciais: desnaturalizar representações naturalizadas" e tem a premissa que a transformação da educação não pode antecipar-se a transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação (FREIRE, 1991, p. 84). Dito de outra forma: Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

Trata-se de estabelecer uma posição da escola e consequentemente do currículo escolar, ante os discursos e representações veiculadas nos meios de comunicação.

A escolha desse tema deve-se a necessidade de lidar com questões que interpelam a todos e de maneira constante produzem debates acirrados, que adentram os muros escolares, e não podem ser ignorados, abafados ou tratados de maneira equivocada.

Assim, a inserção dessa temática na formação continuada da E.M.é fundamental, tendo em vista que pode contribuir para o desenvolvimento de um raciocínio crítico, de reflexões e posicionamentos que problematizam,

6

desnaturalizam, contraponham concepções e significados que perpetuam visões estereotipadas, subalternizadas e inferiorizadas sobre a população negra e indígena.

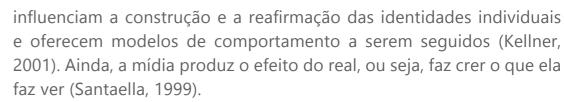
A mídia envolve disputas, nas quais grupos sociais hegemônicos travam batalhas ideológicas para defender seus interesses grupais e privilégios naturalizados. Muitas vezes a questão racial é foco de tais conflitos e disputas.

Nesse sentido, é importante destacar a atuação dos sujeitos negros e indígenas nos diversos espaços midiáticos que constroem e fazem circular concepções, representações e valores de seus grupos de pertencimento, afirmando uma postura contra hegemônica. Propiciam, igualmente, outras leituras sobre suas identidades, rompem com o aprisionamento midiático, quebram padrões estabelecidos de si e sobre si e permite movimentar o pensamento em outras direções e perspectivas antes despercebidas, dado o enquadramento paralisante.

Conforme Thompson (1995), na sociedade moderna os discursos midiáticos estruturam as relações de dominação. Para conduzir o desenvolvimento das ações pedagógicas, considera-se a mídia como produção cultural de massa em diversos meios, como cinema, televisão, literatura, livros didáticos, imprensa e propaganda. A definição de Venício Lima, sobre a mídia amplia esse entendimento ao evidenciar a conexão entre mídia e comunicação, segundo ele mídia pode ser entendida como

o conjunto de instituições que utiliza tecnologias específicas para realizar a comunicação humana. Vale dizer que a mídia implica na existência de um intermediário tecnológico para que a comunicação se realize. Concretamente, quando falamos da mídia, estamos nos referindo ao conjunto das emissoras de rádio e de televisão (aberta e paga), de jornais e de revistas, do cinema e das outras diversas instituições que utilizam recursos tecnológicos na chamada comunicação de massa (LIMA, 2003, grifo nosso).

O olhar pedagógico para as relações étnico-raciais na mídia significa considerar que a escola é a um só tempo um espaço que aglutina relações sociais e cognitivas. As relações sociais se consolidam tanto no encontro entre os estudantes quanto nas relações com a mídia e outros espaços culturais. Isso suscita uma indagação pertinente, sobre qual a relação da escola com outros locais sociais e culturais? Considerar os efeitos produzidos pela mídia é estar atento aos discursos, representações e significados que



E nisso, o currículo escolar tem um papel preponderante, visto que, o cotidiano dos estudantes encontra-se conectado a mídia. Assim, justifica-se a escolha dessa temática para a EM desse ano, cujo foco é analisar e compreender como são estabelecidas as relações étnicoraciais que circulam nos/pelos vários discursos e representações midiáticas, utilizando como material pedagógico, no intuito de aproximar de maneira crítica as questões que envolvem essa temática com a vida dos estudantes.

EQUIPE MULTIDISCIPLINAR - 2018 . TEXTO BASE

As concepções de representação e discurso adotadas estão em consonância com o pensamento foucaultiano. Com base no pensamento de Foucault (1997a), Costa (2007, p.41), destaca que "representações são noções que se estabelecem discursivamente, instituindo significados de acordo com critérios de validade e legitimidade estabelecidos segundo relações de poder". Ainda para a autora, "representar é produzir significados segundo um jogo de correlação de forças no qual grupos mais poderosos [...] atribuem significados aos [destituídos de poder].

No que se refere ao discurso, Foucault (1997a, p.56) entende como o "conjunto de saberes e práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam". Nessa mesma linha de pensamento Hall (1997b, p.29) diz que o termo discurso refere-se tanto "a produção do conhecimento através da linguagem [...] quanto ao modo como o conhecimento é institucionalizado, modelando práticas sociais e pondo novas em funcionamento".

A definição de currículo escolar abrange distintas concepções teóricas, originárias dos vários modos de como a educação é concebida historicamente. Conforme Moreira & Candau (2007, p.18) os fatores sociais, econômicos, políticos e culturais contribuem para que o currículo seja entendido como:

- (a) os conteúdos a serem ensinados e aprendidos;
- (b) as experiências de aprendizagem escolares a serem vividas pelos alunos;
- (c) os planos pedagógicos elaborados pelos professores, escolas, e sistemas educacionais;
- (d) os objetivos a serem alcançados por meio do processo de ensino;
- (e) os processos de avaliação que terminam por influir nos conteúdos e nos procedimentos selecionados nos diferentes graus da escolarização.

O currículo tal qual a mídia é um artefato produtivo, transmitem visões de mundo interessadas, estão implicados nas relações de poder. Conforme Apple (2001a, p.68) o currículo não é apenas uma sobreposição neutra de conhecimentos, e a configuração das relações étnico-raciais permitem observar essa não neutralidade, pois, enquanto os conhecimentos de um grupo se torna autêntico e oficial, o de outros torna-se visível pelo protagonismo dos sujeitos que o compõem. Ainda segundo o autor em sociedades marcadas pela diversidade, um currículo comum não é uma simples receita para unificação, é necessário antes, reconhecer abertamente as "diferenças e as desigualdades. [...] É no reconhecimento destas diferenças que o diálogo sobre currículo pode prosseguir".

Essas definições são importantes para mostrar que dentre as possibilidades teóricas, optou-se essas que favorecem maior mobilidade ao pensamento e principalmente por sinalizam vínculos fecundos com questões de raça/etnia, identidade, diferença, gênero, cultura e mídia.

Conforme pesquisas realizadas por (SILVA; ROSEMBERG, 2008), a população negra está ausente ou sub-representada na mídia brasileira. Os discursos e representações midiáticas sobre a população negra foram sistematizados em quatro pontos por (SILVA; ROCHA; SANTOS, 2011), quais sejam:

> 1)a evidente sub-representação do negro nas diversas mídias; 2) o constante silenciamento das mídias sobre as desigualdades raciais, exercendo um duplo papel: negar os processos de discriminação racial, buscando ocultar a racialização das relações sociais, ao mesmo tempo em que propõe uma homogeneidade cultural ao brasileiro; 3) o branco é tratado como representante "natural" da espécie humana (branquidade normativa); 4) a estereotipia

na representação do homem e da mulher negra, adulto ou criança é recorrentemente assinalada nas diversas mídias. (SIVA; ROCHA; SANTOS, p.151, 2012)

Nessa perspectiva os temas selecionados para debate, reflexões, multiplicação entre os pares e elaboração das práticas pedagógicas encaminham algumas pistas para que os participantes, possam utilizar outras lentes teóricas/pedagógicas

para analisar, interpretar, compreender e refletir sobre como a mídia silencia, produz, reproduz, reforça, mantêm concepções, valores, ideologias, símbolos, representações e discursos sobre as relações étnico-raciais brasileiras. Utilizar anúncios publicitários, reportagens jornalísticas, programas televisivos, informações que circulam nas redes sociais, internet, etc, como artefatos que fazem parte do nosso cotidiano, e não apenas como recursos para "enfeitar" ou "modernizar" as práticas pedagógicas, pode potencializar diferentes formas de ensinar e aprender.

Os materiais selecionados para os encontros trazem o contraponto no trato das diferenças fenotípicas, sociais e culturais pela mídia.

EQUIPE MULTIDISCIPLINAR - 2018 . TEXTO BASE

Evidenciam que os movimentos sociais negros, os sujeitos (mulheres, homens, juventude, representantes de religiões de matriz africana) constroem discursos e representações de si e sobre si desnaturalizando lógicas historicamente enraizadas no imaginário coletivo, que não contribuem com a afirmação positiva da identidade negra.

Entende-se que é necessário destacar que currículo e mídia produzem e disseminam visões de mundo particulares, que conforme as relações de poder implicadas ora enaltecem e positivam a diferença, ora reforçam a estereotipia, quando não negam, sub-representam, inferiorizam. Os materiais evidenciam essa dimensão. Mas, também evidenciam de modo enfático o protagonismo, a voz dos sujeitos a partir desses mesmos espaços.

Em suma, os materiais escolhidos mostram que existe o papel da mídia na repetição e manutenção da estereotipia, exclusão, sub-representação da população negra, mas, existe também na mesma medida um protagonismo e empoderamento de negros que forja espaços de visibilidade e reconhecimento positivo da população negra na mídia.

Assim, parte-se da premissa de que há uma relação muito próxima entre o trato pedagógico das relações étnico-

> raciais e a concepção de educação que orienta as práticas pedagógicas. Para tanto, é fundamental aprender a olhar pedagogicamente para as relações étnico-raciais veiculadas pela mídia, quebrando as lentes tradicionais que naturalizam posições hierárquicas, excludentes e racistas, passando a usar lentes que vislumbra e textualiza novos saberes, novas posturas e práticas pedagógicas a

partir de informações advindas da mídia, que interpelam nossas realidades e fazem parte do nosso cotidiano.

Para dar continuidade nos próximos encontros, deixamos algumas indagações como fios condutores do trabalho:

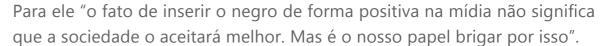
- ☐ Como a população negra e indígena têm sido pensadas e apresentadas nos diferentes espaços sociais, principalmente, nos discursos e representações midiáticas?
- Quais indagações pedagógicas o posicionamento apresentado na mídia traz para o currículo, na perspectiva de analisar o trabalho da escola referente à educação das relações étnico-raciais?
- ☐ Como podemos articular pedagogicamente as representações e discursos apresentados na mídia com o currículo, na perspectiva de transformar as relações étnico-raciais?

O ator e escritor Lázaro Ramos (2017, p.82) no livro intitulado "Na Minha Pele", contribui com importantes indagações sobre a ausência e presença dos negros na televisão, e isso tem sido questão polêmica, pois, "toda vez que um negro aparece numa tela é difícil saber qual caminho

mais adequado seguir". Diante disso, nos faz as seguintes indagações:

Vale aparecer numa novela com papel subalterno, porque é melhor isso do que não aparecer? Temos que fazer questão de personagens apenas com qualidades, sem defeitos, perdendo assim a humanidade? O problema é: fazer uma empregada doméstica/porteiro ou fazer uma empregada doméstica/porteiro com uma história sem qualidade? A questão está apenas nos personagens ou na caneta de quem escreve e na batuta de quem dirige?

O autor defende que a importância dos negros ocuparem os veículos midiáticos, visto que, disseminam arquétipos. Entretanto, ressalta que a mídia não é por excelência o meio responsável pela construção da identidade negra, mas seu poder é inegável.



A mídia tem grande poder pedagógico da perspectiva das relações étnico-raciais, pois impulsiona debates, polêmicas, reflexões e posturas contra hegemônicas ou conservadoras, assim, torna-se cada vez mais necessário a inserção do tema no currículo escolar dando novos sentidos a trajetória de aprendizagem. Como o currículo escolar poderá ensejar leituras midiáticas sobre as relações étnico-raciais para além da crítica pela crítica, que resultem em posturas pró-ativas?

Sabe-se que mudar hábitos e práticas da docência não é uma tarefa simples, pois, o docente é um adulto muitas vezes certo de "que está certo". O tema proposto irá instigar muitos questionamentos sobre "certezas" naturalizadas, que ganham estatuto de verdade dentro de uma política cultural que lhes dá ancoragem.

Referências

APPLE, Michel W. Política cultural e educação. São Paulo: Cortez, 2001.

BHABHA, H. K. A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. In: _____. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo.** 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos III** - Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduíno A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HALL. S (1997b). **A centralidade da cultura:** notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação & Realidade*, v. 22, n° 2, jul./dez, 1997b.



KELLNER, D. **A cultura das mídias** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: EDUSC, 2001

LIMA, V. A. **Mídia:** Teoria e Política. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2001.

LIMA, V.A. Sete teses sobre a relação Mídia e Política. Mimeo, 2003.

RAMOS, L. **Na minha pele**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2017. SANTAELLA, Lúcia e NÖTH, Winfried. **Imagem, cognição, semiótica e mídia.** São Paulo: Iluminuras, 1999.

SILVA, P. V. B.; ROSEMBERG, F. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia In: VAN DIJK, Teun (Org.). **Racismo e Discurso na América Latina.** São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA, P.V. B; GOMES, N. R; SANTOS, W. O. Negras(os) e brancas(os) em publicidades de jornais paranaenses. In: Leandro Leonardo Batista & Francisco Leite (Orgs.). **O negro nos espaços publicitários brasileiros:** perspectivas contemporâneas em diálogos. São Paulo, 2011.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna:** teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.



Secretaria de Estado da Educação Ana Seres Trento Comin

Superintendência da Educação Inês Carniletto

Departamento da Diversidade Marise Ritzmann Loures

Coordenação da Educação das Relações Étnico-Raciais e Escolar Quilombola. Edna Aparecida Coqueiro

> Coordenação da Educação Escolar Indígena, Campo e Cigana. Mara Rosane Machado

Equipe PedagógicaClemilda Santiago Neto Edimara Gonçalves Soares Galindo Pedro Ramos

Revisão Maria Daise Tasquetto Rech

Equipe Administrativa
Gerusa dos Santos Coelho
Roseli Cristina de Miranda
Tarcísio Moura da Silva

Projeto Gráfico e Diagramação Coordenação de Produção Multimídia (CPM) Carina Skura Ribeiro Fernanda Serrer



CERERQ – Coordenação da Educação das Relações Étnico-Raciais e Escolar Quilombola Fone: (41) 3340-1711/3340-1689 e-mail: cerde@seed.pr.gov.br

